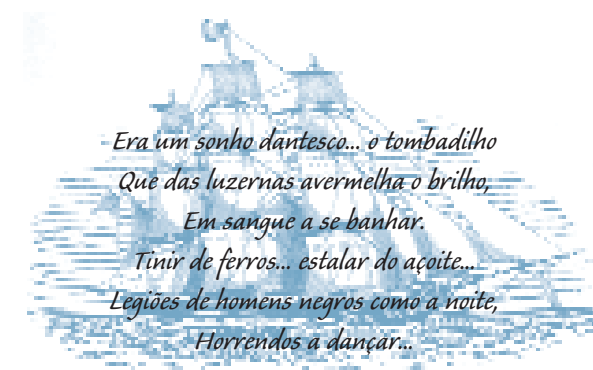


Sou só eu na minha sala

Aos pés da Santa Cruz, neste ano da graça de 2005, Cláudio Adão, Alexandra e Daniele de Jesus esperam por Élide e Adriano, que logo chegarão, e por Diego, que não vai chegar e que se viesse nos diria, como tanto sabe de cor, “O Navio Negreiro”, de Castro Alves.



Quanto aos outros, o que tinham a nos dizer, cá pra nós que não somos negros, como eles o são, será dito agora e documentado nesta via que segue...

“Onegroche gaasent irmedo imag inandoq uepos sasof rerprec oncei totud oques erefer eao negrono Br asilnã oébem acei to Euso u negraso upob reeeun ãoposs onega rques ou negramin h amã eé negramin haav ó é negrar.”

Pátio da Cruz, pátio da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde ecoa a voz desgovernada, em pálido assombro retumbante: existem professores negros na Universidade? Existem alunos negros na Universidade? E continuam aquelas vozes, de África herdadas...

“A juventude negranão te mrefer ência deprof essor es negros pou case scolastêm profes sores negrosen aunivers idad evoc enãoen contra profes- sores negrosquan tos dos jov ens negrosque entramnas...”

E sendo eu o branco, o pálido que ostentas estrelado, entre orgulhos de cabelo mole ter nascido.

Não, não me pesam tuas cores; azul-marinho, marrom, marrom mais claro, bege-escuro, bege-oliva.

Não, não me pesam teus cabelos; duros, caracóis encarniçados, nós que não desatam.

Não, não me pesam tuas palavras, teus pensamentos de agora, livres na escritura, nos pensamentos de falar, assim, soltos de todo jugo, sem autorização, sem ordem, loucos nesse turbilhão.

Pois então não éreis vós o negro, o submetido, o obediente ao seu feitor?

Então não era assim que as coisas se davam? Que mal houve nestes rumos? Nesta Grécia em perfeição, nesta Roma das cidades, neste latim que nos abençoa, nesta sintaxe: amém.

... a família patriarcal do senhor de engenho, seus filhos e aparentados mais diretos ocupava tão exaustivamente as funções do lar de tipo romano que não deixava espaço para outras formas dignas de acasalamento. O próprio senhor e seus filhos eram, de fato, reprodutores soltos ali para empreharem a quem pudessem. Nenhuma hipótese havia nesse ambiente para que os negros e mestiços tivessem qualquer chance de se estruturar familiarmente.

Darcy Ribeiro, O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Vós não sois aqueles que chegaram, encolhidos, escurecidos, falando língua estranha de toda corte, de toda Europa?

Conheciam os mares? Os nomes das estrelas? Os mapas dos continentes? Então não fomos nós, brancos, que criamos esse mundo? Em astrolábios, bússolas e sextantes, mares e estrelas nomeados?

Então não fomos nós, brancos, a criar louças e cristais, linhos e aventais? Então não fomos nós a transformar a uva em vinho, os cereais em aguardente?

Então não fomos nós a fartar os gansos com comida, até a morte, para que nos dessem em troca o próprio fígado, em rara iguaria?

Então não fomos nós a acorrentar os homens e a corromper as mulheres de escuras peles e cabelos de espinho?

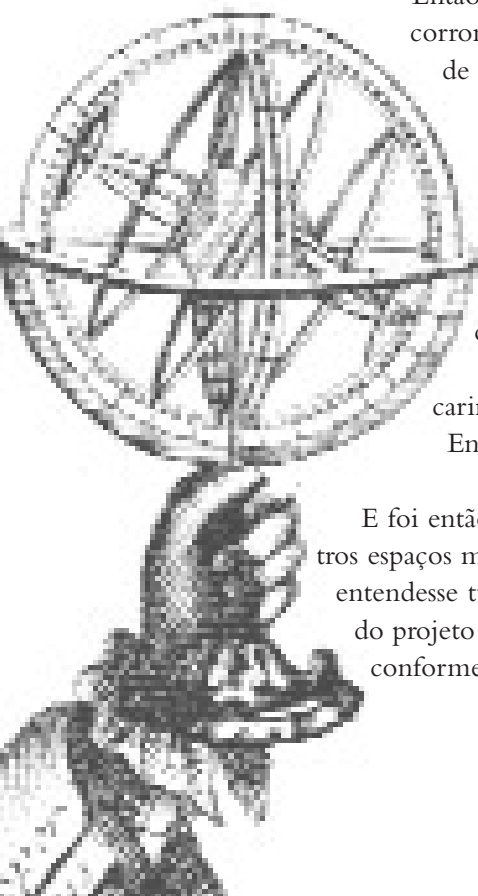
Então não fomos nós a reconhecer nos homens o boi trabalhador ou o cavalo reprodutor? E nas mulheres a dócil vaca de grandes tetas para nossos filhos?

Então não fomos nós a ver nas meninas escurinhas o prazer libidinoso para o branco de pança cheia de açúcar e de arrotos?

Então não fomos nós a forçá-los ao nosso carinho?

Então não fomos nós a desvendar-lhes o destino?

E foi então que saímos do Pátio da Cruz, atrás de outros espaços menos barulhentos, onde melhor se ouvisse e entendesse tudo o que tinham a dizer os cinco meninos do projeto Afro-ascendentes, todos estudantes da PUC, conforme segue:



Cláudio Adão, 21 anos, segundo ano de Turismo;
Élida Miranda, 21 anos, faz duas faculdades: segundo ano de Pedagogia e terceiro ano de Direito;

Adriano Rodrigues dos Santos, 18 anos, segundo ano de Letras;
Alexandra de Campos, 24 anos, segundo ano de Comunicação Multimeios;

Daniele Cristina de Jesus, 24 anos, segundo ano de Administração de Empresas.

E saímos à procura de uma sala de aula que estivesse vazia e, assim, tudo o que se disse foi ali, naquele ambiente de lousa e cadeiras, nada revelador sobre nenhum dos nossos personagens. Nenhum quarto, nenhuma cozinha, nenhuma sala, nada particular.

O que temos de cada um são apenas os seus discursos. Acompanhando essa conversa, desenhos na lousa de alguma aula inexplicável, obscura, impossível de entender, para quem não é da turma.



(Cláudio) — *A gente faz parte de um projeto que visa a inserção de 20 jovens negros nas universidades públicas, ou particulares de qualidade. Esse projeto leva o nome de Afro-ascendentes. Ele foi pensado por Geledés, a partir do pequeno percentual de negros que freqüentam as universidades. Ele foi pensado também para que os 20 jovens negros voltem às suas comunidades e trabalhem o protagonismo juvenil. É que todos os 20 tinham atuações em suas comunidades.*

(Élida) — *A maior parte do grupo entrou na PUC São Paulo, outros dois jovens entraram na Unesp, um em Guaratinguetá, outro em Presidente Prudente, dois na Metodista, um na Anhembi Morumbi e um em São Bernardo do Campo, na Faculdade de Direito. A nossa maior preocupação, quando ingressamos na Universidade, era de como iríamos nos manter aqui dentro. E quando a gente fala em permanência, a gente fala em recursos acadêmicos. Como é que eu vou acompanhar o curso, sendo que o meu amigo branco consegue comprar todos os 50 livros em um semestre e eu não consigo comprar nenhum livro?*

(Daniele) — *É complicado também você entrar em uma faculdade, como a PUC, e perceber que a maioria dos alunos, ou seja, 90% dos alunos são totalmente diferentes de você; é difícil você tentar se colocar e ter uma posição. Eu estudo administração e na minha sala, além de mim, tem uma outra menina negra e isso foi para mim uma grande surpresa. Aliás, eu acho que no curso inteiro, se tiver dez alunos negros é muito. São duas na minha sala, tem uma na sala ao lado...*

O Instituto Cidadania, através do Projeto Juventude, realizou uma pesquisa nacional, “Perfil da Juventude Brasileira”, que acrescenta dados importantes ao Censo 2000 do IBGE. Por exemplo:

- apenas 6% da população jovem brasileira tem acesso à Universidade;
- 10% dos jovens brancos chegam à Universidade;
- 3% dos jovens negros chegam à Universidade;
- 3% dos jovens indígenas chegam à Universidade.

(Élida) — *Passa muito pela escola também, eu lembro que na sala de aula, em todo o período escolar, os professores sempre diziam assim para a população negra, aquela população que ficava no fundão, aquela população que tinha uma baixa autoestima, uma evasão escolar enorme. Os professores diziam o seguinte: “Olha, você não quer estudar? Vai pra fora, vai lavar carro, vai varrer rua, vai ajudar sua mãe passar roupa, entendeu?”. Era para os negros que os professores diziam essas coisas.*

Segundo a pesquisa, 42% dos jovens brasileiros chegam só até o ensino fundamental, em oito anos de estudo. Desse número, 30% dos negros não conseguem concluir o ensino fundamental, entre os brancos, essa porcentagem é de 19%.

(Élida) — *A gente luta é pela igualdade de condições, por um modelo educacional que de fato seja igualitário, né? Em que quem frequenta o ensino público tenha condições de ingressar nas universidades. Porque se você for fazer uma análise hoje, por exemplo, qual a juventude que entra na USP? De onde saiu essa juventude? Quantos por cento dos jovens negros que entram nas universidades particulares conseguem se formar? Pouquíssimos, pouquíssimos. A juventude burguesa foi preparada, estimulada a vida inteira, desde o berço, para seguir a carreira acadêmica. Então ela sai do ensino médio direto para a Universidade. E a juventude pobre? E a juventude negra, onde é que fica nessa história?*

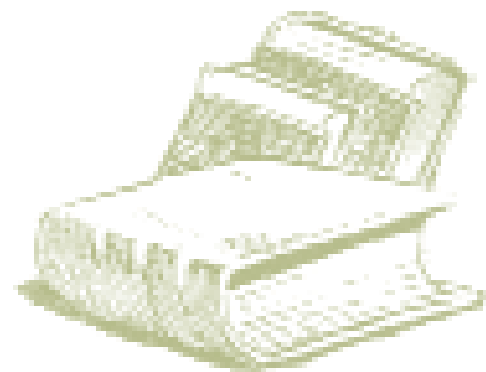
Segundo o Censo do IBGE (2000), 45,3% dos jovens brasileiros são negros e pardos, 45% são brancos. A pesquisa mostrou um outro retrato: entre os jovens que se dizem brancos, quando perguntados sobre a ascendência racial só de brancos, a porcentagem que era de 45% caiu para 21%. O número de ascendência negra subiu para 75%. Por isso é que se costuma dizer que o Brasil é o segundo maior país de população negra do mundo, depois da Nigéria, na África.

(Daniele) — *Eu tenho uma prima que tem uma tonalidade de pele um pouco mais escura que a minha e se você falar pra ela que ela é negra, ela te mata, ela briga, sabe? De falar “não, eu não sou negra, sou morena”, entende? Então assim, isso gera uma discussão quando a gente se encontra. Porque ela não admite. Eu falei assim: “se você é morena, então eu sou o quê?”. “Ah, você é branca”, ela diz. Então é muito mais fácil ela falar que é morena para ser aceita pela sociedade, do que falar que é negra e sofrer todo o preconceito.*

Segundo pesquisa, os negros morrem mais cedo que os brancos. 63% dos homens negros morrem antes dos 49 anos; essa proporção é de 39% para os homens brancos. As mortes por causas externas atingem 32% dos homens negros e 16% dos homens brancos – praticamente a metade. A autora conclui que o racismo é fator determinante no modo de viver, adoecer e morrer.

Fonte: Maria Inês Barbosa, *Racismo e Saúde*.
Tese de doutorado em Saúde Pública, USP: São Paulo, 1998.

(Élida) — *Nós somos a primeira geração do nosso núcleo familiar a ingressar na Universidade. E nós não queremos nos formar de qualquer jeito. Nós queremos sim é*



seguir a carreira acadêmica. Nós queremos partir para o mestrado, o doutorado. Nós temos um projeto acadêmico maior. Quando eu saí do ensino médio e ingressei na Universidade, ninguém esperava na minha família. Porque, olha, ela encerrou o ensino médio já está bom. Vai trabalhar de balconista, vai trabalhar no shopping. Vai fazer qualquer outra coisa da vida. Continue com as condições e nas condições de subalterna. E eu disse: “não, eu não quero isso pra mim”. Aí eu ingressei na Universidade. Então todo mundo achava que eu era louca, na minha família. Que eu era louca porque eu vivia estudando, ficava de madrugada estudando. Minha mãe não entendia nada. Mas aí um dia ela falou assim: “a minha filha está na faculdade... mas o que é a faculdade?”. E aí, quando eu comecei a aceitar que existia essa falta na minha família, falta da minha mãe compreender o que é a faculdade, eu comecei a trabalhar com ela essa história, tanto que a minha mãe, hoje, faz o curso de alfabetização de adultos aqui na PUC e agora ela consegue compreender o que é a Universidade, porque eu trouxe ela pra dentro dessa realidade.

O Atlas Racial Brasileiro mostra que entre as pessoas pobres, 64,55% são negros, e entre os indigentes 69,84% são negros. A mortalidade infantil entre os negros é maior do que entre os brancos. O trabalho infantil é maior entre as crianças negras. A esperança de vida ao nascer é menor entre as crianças negras.

(Élida) — *Quando a gente fala de sonhos, de perspectivas de vida, de ingressar na Universidade, uma das nossas idéias – isso é uma bandeira de luta – é que nós, juventude negra, saíamos da condição subalterna. A condição subalterna de onde nossas famílias vieram. Você encontra uma pequena parcela de negros na academia, mas você encontra muitos negros na faxina, na segurança, como servente, sabe? É condição subalterna. Nós queremos romper com essa cultura da subalternidade. Nós queremos, sim, assumir um papel crítico dentro da sociedade. E esse papel crítico passa pela educação. A educação ainda é o caminho.*

Outra pesquisa mostra que, entre os jovens, de cada 100 mil habitantes, 68 jovens negros morrem por homicídio. Entre os brancos, esse número se reduz para 39, diferença de 74% entre as raças.

(Fonte: *O mapa da violência IV: Os jovens do Brasil*, realizado pela UNESCO, Secretaria Especial de Direitos Humanos e Instituto Ayrton Senna, 2004)

(Cláudio) — *E mesmo com todas as dificuldades, nós nos consideramos jovens privilegiados. Porque afinal de contas saímos da periferia, entendeu? Não é todo mundo que tem essa chance que a gente está tendo. E não é para a primeira dificuldade que vamos abaixar a cabeça. Condução é difícil, xerox é difícil, sim. Mas a gente tem que ter a nossa correria. A gente tem que se formar, porque a gente não é referência só para a nossa família. A gente é referência para a nossa comunidade. A gente é referência para o povo negro.*

A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” revela também que os jovens negros são mais atingidos pelo desemprego (34%) do que os jovens brancos (28%).

(Daniele) — *Por exemplo, eu Daniele, com meu cabelo cacheado, estou numa entrevista de emprego com uma pessoa que é branca, loira e tem cabelo liso. Mesmo que eu tenha mais experiência profissional que ela, quem fica com a vaga é ela. E é assim, se for eu e a Alexandra, disputando a vaga. Eu sou negra, mas tenho uma tonalidade de pele mais clara que a dela; aconteceria, na certa, a mesma coisa, mesmo que ela tivesse mais experiência do que eu, eu ficaria com a vaga, porque a cor da minha pele está mais perto da tonalidade branca. É assim. Muita gente fala pra mim: “mas você é clara, nem parece negra”. Mas, assim, eu não posso negar que eu sou negra, porque a minha mãe é negra, a minha avó é negra.*

Quanto aos salários, segundo o IBGE, o rendimento médio mensal da população negra brasileira é de 1,9 salário mínimo, da população branca é de 3,9 salários mínimos. Em São Paulo, a população negra tem um rendimento médio de 2,5 salários mínimos e a população branca de 4,7 salários mínimos.

(Alexandra) — *Em sala de aula tem uma diferença. Eles tratam os alunos brancos de um modo e o lado negro de outro. Embora não se perceba assim, os outros alunos, mas a gente percebe. Eles têm uma diferença de tratamento. Por exemplo, no laboratório de fotografia, tem um tanto de papel destinado a revelar fotografias. Tem uns alunos brancos que, por se sentirem superiores, fazem rapidamente o que têm de fazer e já correm para querer aprender mais do que os outros. Eles querem estar sempre na frente. E o professor, ao invés de falar assim: “espera os outros alunos”, não, estimula isso. Os brancos querem estar sempre na frente, ser sempre os primeiros.*

(Élida) — *É o estresse de sala de aula, é o estresse que o negro sofre na sala de aula. Um dos meninos do nosso grupo que entrou na Unesp de Guaratinguetá foi fazer a matrícula e lá na faculdade já gritaram, bem alto, de longe, King Kong... E ele vem passando por um processo de discriminação tão forte que começou a mexer com o psicológico dele. Aconteceram, assim, alguns fatos trágicos por parte dos “amigos” brancos da faculdade.*



Por exemplo, quando a família dele ia visitá-lo, era chacota total. Eles não podiam entrar num bar, numa lanchonete, porque era chacota total na cidade. Eles começavam a dizer: “olha os negros, olha lá os macacos”, fizeram coisas horrorosas, sabe? Isso mexeu fortemente com o estímulo dele e com a própria vontade de querer cursar a faculdade.

(Cláudio) — É por causa disso que o negro não se auto-afirma, entendeu? É por causa disso que o negro não se valoriza. Tudo que toca ao negro, tudo que pertence ao negro é marginalizado, entendeu? A capoeira é marginalizada, o samba é marginalizado, as religiões africanas, quanto tempo para serem aceitas? Tudo o que se refere ao negro no Brasil não é bem aceito. Claro que ele sente medo. Ele liga a televisão e não se reconhece. Ele abre a revista e não se reconhece. Ele anda pelas ruas, vê os outdoors e não se reconhece. Como é que ele vai crescer numa sociedade que não o respeita? Ninguém dá valor pra ele, ele não pode crescer mesmo.

A nação malê não era apenas a mais culta entre quantas forneceram mercadoria humana para o tráfico repugnante, em verdade os escravos provindos dessa nação alcançavam os preços mais altos, sendo não só os mais caros, também os mais disputados. O mais culto dos malês era o alufã Licutã. Ele comandou a revolta dos negros escravos durante quatro dias e a cidade da Bahia o teve como seu governante quando a nação malê acendeu a aurora da liberdade... levantaram-se os escravos, dominaram e ocuparam a cidade por quatro dias... Logo derrotados pelos soldados, a ordem dos senhores foi matar todos os membros da nação malê, sem deixar nenhum, homens, mulheres e crianças. A repressão foi tamanha que ainda hoje a palavra malê continua como que maldita; ainda hoje a ascendência malê é escondida, silenciada, quando já as razões do medo foram esquecidas.

Jorge Amado, Bahia de Todos os Santos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

(Alexandra) — Um dia, um professor virou pra mim e falou que por eu ser negra eu me isolava dos outros alunos e eu tinha medo de falar, não porque eu fosse tímida, mas sim porque eu tinha medo da resposta que os outros alunos podiam me dar. E realmente eu percebi que eu tinha medo de falar o que eu pensava. É complicado, porque eles, os brancos, se impõem, você acaba se retraindo, não tem como, você está sempre em minoria. Num dia eu fiquei muito brava numa discussão de grupo e depois fiquei pensando: “ai, o que é que eles vão pensar? Eu sou negra, sou pobre e agora ainda vou fazer barraco...”.

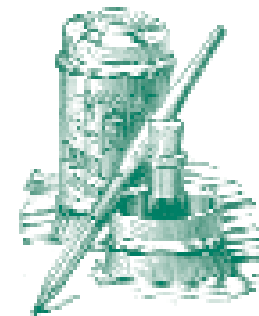
Na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, descobriu-se que os jovens negros se distribuem de maneira mais ou menos igualitária pelas regiões do Brasil, com exceção da região Sul, onde a grande imigração européia do começo do século passado praticamente excluiu o negro, recém-saído da escravidão, do trabalho nas lavouras.

Onde vivem os jovens negros:
Região Norte e Centro-Oeste - 50%
Sudeste - 45%
Nordeste - 42%
Sul - 17%

(Cláudio) — Que ninguém tenha a ilusão de que as ações afirmativas vão resolver o problema da desigualdade racial. O que a gente quer é equilíbrio. A gente quer equilíbrio na pirâmide social. A gente quer representatividade tanto na elite quanto na classe média. No começo do século passado, quando os imigrantes vieram pra cá, foram feitas ações afirmativas. E porque é que ninguém discutiu? Houve no Brasil um processo de embranquecimento. Têve ações afirmativas dos imigrantes, tanto é que hoje eles estão bem representados em todas as classes sociais. No dia em que acabou a escravidão, jogaram a gente para os guetos, “agora vocês se viram”. E aí importaram mão-de-obra da Europa, sendo que os negros eram capacitados para o trabalho. Por que em lugar dos negros, que viviam aqui, preferiram trazer os europeus para trabalhar nas

lavouras? Jogaram a gente nas margens da periferia, a gente ficou assim ao léu, marginalizaram nossa cultura. Nos ensinaram que ser negro no Brasil não presta. Então, as cotas, elas vêm mesmo para sanar toda essa história, não digo sanar, mas pelo menos amenizar, amenizar porque com as cotas demoraria 50 anos para a gente alcançar a equidade, imagine sem elas.

(Adriano) — Eu sempre, desde o início, procurei me afirmar para o lado negro, dentro da sala de aula, dentro do meu curso. Eu faço Letras. A gente tem na nossa literatura representantes que muitas vezes são esquecidos. Agora, estou entrando no projeto de iniciação científica, onde a gente vai estudar Luís Gama. Ele foi um poeta negro que viveu em São Paulo no século 19. Ele foi abolicionista e republicano. Foi vendido como escravo pelo próprio pai, que era branco, senhor de engenho. E a história dele, a biografia, a produção literária dele são deixadas de lado. E a gente está lutando para que isso seja colocado em debate, para que as pessoas conheçam Luís Gama. Muitos negros não conhecem. Uma das referências negras que nós temos na nossa literatura é Machado de Assis, mas ele próprio negava ser negro, não é? Mas tem outros escritores que são abolicionistas, republicanos, que apóiam e defendem os negros, como Castro Alves e outros. Mas, para mim, a literatura mais importante para o movimento negro, para a nossa cultura, vem de Luís Gama. Pretendo me tornar um especialista em Luís Gama.



Quem sou eu?

Luís Gama

(...)

Sei que é louco e que é pateta
Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os borbantes mais lapuzes,
Compram negros e comendas,
Têm brasões, não — das Kalendas;
E com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela arte do Vieira,
E com jeito e proteções,
Galgam altas posições.

(...)

eu bem sei que sou qual Grilo,
de maçante e mau estilo;
e que os homens poderosos,
desta arenga receosos,
hão de chamar-me Tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu que não me abalo
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente
Pondo a trote muita gente
Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta
Pois que a espécie é muito vasta

Há cinzentos, há rajados,
Baiões, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres.
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres, Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, Senadores,
Gentis-homens, Vereadores;
Belas damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais.
(...)
Pois se todos tem rabicho,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse pois a matinada,
Porque tudo é bodarrada!

Origens e Propostas

“Geledés é uma sociedade secreta feminina africana. Uma sociedade em que as mulheres detêm o poder político da tribo. As Geledés são consideradas meio bruxas. E tem algumas, inclusive, de quem não se pronuncia o nome. Quando a gente pensou em um nome para a organização, a gente quis recuperar alguma tradição, muito profunda, de mulheres negras africanas. E foi assim que nos chegamos as Geledés. Elas são originárias da Nigéria, mas no começo do século passado, elas existiram aqui no Brasil também. Mulheres que você não vê, que usam máscara.”

(Solimar Carneiro, presidente da Geledés)

O Geledés é uma organização criada e dirigida por mulheres negras, que há 16 anos tem como missão combater o racismo e o sexismo. A organização trabalha com inúmeros projetos, entre eles alguns direcionados para a juventude. Hoje, em projetos diferenciados, atendem 54 jovens afro-descendentes.

- **Geração XXI** – ação afirmativa pioneira no Brasil, desenvolvida em parceria com a Fundação BankBoston, no atendimento a 21 jovens negros/as com seus estudos custeados da 8ª série à conclusão da Universidade.
- **Próxima Parada Universidade** – projeto que oferece o cursinho preparatório para a faculdade. A empresa patrocinadora, Kolynos, paga 70% da faculdade para sete alunos.
- **Diversidade** – projeto patrocinado pela Unilever. A empresa paga para os jovens desde o cursinho até o término da faculdade, e tem o compromisso de absorver esses jovens no programa de trainee quando estiverem no quarto ano da faculdade.

- **Projeto Afro-ascendente** – ação afirmativa que pretende inserir 20 jovens afrodescendentes em Universidades, acompanhá-los durante a graduação, facilitar estágios em empresas parceiras e propiciar condições para o desenvolvimento integral de talentos. No início contou com a parceria do Instituto Xerox do Brasil, mas a empresa encerrou o patrocínio antes da conclusão do projeto.

(Solimar) — Quanto à questão das cotas, na verdade você tem uma discussão acirrada na sociedade brasileira, não que a gente não venha fazendo isso desde 1978. O que a gente vem discutindo é: já existe um sistema de cotas no Brasil desde o seu nascimento. Os brancos têm 100% de cotas, porque são eles que estão na faculdade. Então, o sistema de cotas já existe no Brasil: para os brancos. O que a gente está discutindo é: vamos distribuir esse sistema de cotas.

(Élida) — Basicamente o ideal do Projeto Afro-ascendente era este: acesso e permanência dos jovens negros nas universidades públicas ou particulares de qualidade, para que a partir daí eles possam fazer uma intervenção qualificada dentro das suas comunidades. O projeto foi financiado pelo Instituto Xerox do Brasil. Ficamos seis meses fazendo cursinho. E a gente ralou muito para poder entrar nas faculdades.

(Daniele) — A gente começou a ver, no programa de alguns vestibulares, muitas coisas que caíam nas provas que a gente não tinha a menor noção, por causa da nossa formação no ensino público. Mas a gente teve professores muito empenhados e, assim, todo mundo se dedicou e tivemos 100% de aprovação, né? Todos os 20 conseguiram passar em boas faculdades públicas ou particulares. E estamos aí.

(Cláudio) — O projeto, de início, também dizia que nós teríamos computadores, que o patrocinador financiaria atividades culturais, tipo, teatro, cinema etc.

(Élida) — Também xerox, transporte, alimentação, tudo isso estava previsto no projeto, inclusive as mensalidades das faculdades particulares, mas aí o financiador disse que em nenhum momento ele se comprometera a pagar a faculdade. E, atual-

mente, nós estamos dentro das universidades caminhando com recursos próprios, tentando nos manter da melhor forma possível. Somos os jovens negros, assim como quaisquer outros jovens negros trabalhadores, que têm todas as dificuldades de permanência na Universidade. Inclusive porque o Instituto Xerox encerrou o projeto nesse momento, e aí, o Geledés está tentando batalhar outros financiadores, mas até agora... Aqui na PUC nós temos bolsa de 50% doação e 50% restituído. Só a Alexandra conseguiu 100% da bolsa.

(Cláudio) — E mesmo com a falta do patrocinador, a gente procura manter a unidade do grupo. Não é porque o patrocinador saiu que a gente vai perder a causa, a gente quer manter essas pessoas pensantes e atuantes nas suas comunidades.

(Daniele) — Quando nós ingressamos no projeto, assumimos um compromisso: quando a gente estiver formado, vamos dar condições para que outro jovem negro possa freqüentar a faculdade. Então, um ano após estarmos formados, já dentro do mercado de trabalho, nós estaríamos proporcionando a outro jovem negro a mesma condição que nos foi proporcionada por uma empresa.